



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO SANTO PADRE À ÁFRICA

(2-12 DE MAIO DE 1980)

***DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS INTELECTUAIS E AOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS***

Esplanada do Palácio do Povo, Quinxassa (Zaire)

Domingo, 4 de Maio de 1980

Senhor Reitor

Senhores Professores e Professoras

Caros universitários e universitárias

1. Estou profundamente comovido com as palavras de boas-vindas que me foram agora mesmo dirigidas, e por elas vos apresento os agradecimentos mais sentidos. Será necessário falar-vos da minha alegria por me ser dado tomar contacto esta tarde com o meio universitário africano? Na homenagem de que sou objecto da vossa parte, não vejo unicamente a honra prestada ao primeiro Pastor da Igreja católica; descubro também uma expressão de reconhecimento para com a Igreja, devido ao papel que exerceu no decurso da história e exerce ainda na promoção do saber e da ciência.

2. Historicamente, esteve a Igreja na origem das universidades. Durante séculos, desenvolveu nelas uma concepção do mundo em que os conhecimentos da época estavam situados na visão mais ampla de um mundo criado por Deus e resgatado por nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, bom número dos seus filhos consagraram-se ao ensino e à investigação para iniciar gerações de estudantes nos diversos graus do saber numa visão total do homem, que em particular incluísse a consideração das razões últimas da sua existência.

Todavia, a ideia mesma de universidade, universal por definição no seu projecto, não implica que ela se situe de algum modo fora das realidades do país em que se encontra estabelecida. Pelo

contrário, a história mostra como as universidades foram instrumentos de formação e difusão de uma cultura própria do país de cada uma, contribuindo em grande medida para forçar a consciência da identidade nacional. Por isso, faz naturalmente a universidade parte do património cultural de um povo. Neste sentido, poder-se-ia dizer que ela pertence ao povo.

Esta maneira de ver a universidade na sua luz essencial — o saber mais amplo possível — e no seu enraizamento concreto no meio de uma nação, é de grande importância. Manifesta em particular como é legítima a pluralidade das culturas, reconhecida pelo Concílio Vaticano II (cfr. *Gaudium et spes*, 53), e permite discernir os critérios do pluralismo cultural autêntico, ligado ao modo como cada povo se encaminha para a verdade única. E mostra ainda que uma universidade, fiel ao ideal de uma verdade total sobre o homem, mesmo sob pretexto de realismo ou de autonomia das ciências, não pode dispensar-se do estudo das realidades superiores da ética, da metafísica e da religião. Por isso tomou a Igreja interesse particular pelo mundo da cultura e ofereceu-lhe importantes contributos. Para a Igreja, a revelação divina sobre o homem, sobre o sentido da sua vida e do seu esforço para se construir o mundo, é essencial. Sem ela não se pode ter um conhecimento completo do homem nem o progresso será totalmente humano. Tal é o objectivo da actividade missionária da Igreja: fazer, segundo lembra também o Concílio, que tudo o que há de bom no coração dos homens, no pensamento e na cultura deles seja elevado e atinja a sua perfeição para a glória de Deus e a felicidade do homem (cfr. *Lumen gentium*, 17).

3. A Universidade de Quinxassa possui lugar notabilíssimo nesta colaboração histórica entre a Igreja e o meio da cultura. O centenário da evangelização do Zaire coincide, na verdade, com o 25º aniversário da Universidade nacional do país. Como não haveríamos de felicitar-nos em conjunto pela clarividência daqueles que fundaram esta Universidade? Manifesta bem o lugar que a promoção cultural e espiritual do homem ocupa na evangelização. É a prova de a Igreja, e em especial a prestigiosa Universidade Católica de Lovaina, terem visto claro e terem depositado confiança no futuro do vosso povo e do vosso país. Ainda agora, a importância da comunidade católica no vosso país leva a que se deseje que a Universidade permaneça nele aberta a relações confiantes com a Igreja.

E assim, ao prestar hoje homenagem perante vós à Universidade nacional do Zaire e à comunidade universitária zairense, faço-o olhando também para todo o mundo universitário africano sem excepção: desempenha este, e desempenhará cada vez mais, papel de primeiro plano, insubstituível e essencial, para o vosso continente desenvolver até ao cabo todas as promessas de que é portador para si mesmo e para o mundo no conjunto.

4. A um antigo professor universitário, que dedicou longos e felizes anos ao ensino universitário na sua terra natal, dareis licença, estou certo, que vos fale durante alguns instantes sobre o que julgo serem os dois objectivos essenciais de qualquer formação universitária completa e autêntica: ciência e consciência; por outras palavras: o acesso ao saber e a formação da consciência, como está expresso claramente até na divisa da Universidade Nacional do Zaire:

"Scientia splendet et conscientia".

A primeira missão de uma universidade está no ensino do saber e na investigação científica. Deste vasto campo não tocarei aqui senão um ponto: quem diz ciência diz verdade. Não haveria portanto verdadeiro espírito universitário onde não houvesse a alegria de investigar e conhecer, inspirada por amor ardente da verdade. Esta investigação da verdade constitui a grandeza do saber científico, como eu o recordava a [10 de Novembro último ao dirigir-me à Academia pontifícia das Ciências](#): "A ciência pura é um bem, digno de ser muito amado, porque é conhecimento e portanto perfeição do homem na sua inteligência. Antes ainda das suas aplicações técnicas, deve ela ser honrada por si mesma, como parte integrante da cultura. A ciência fundamental é bem universal, que todos os povos devem poder cultivar em plena liberdade de qualquer forma de servidão internacional ou de colonialismo intelectual".

Os que dedicam a sua vida à ciência podem pois sentir legítimo orgulho, e também aqueles que, a exemplo deles, como universitários e universitárias, encontram possibilidade de passar vários anos da vida a formar-se numa disciplina científica. Nada existe mais belo, apesar do trabalho e esforço que isto exige, do que poder alguém entregar-se à busca da verdade sobre a natureza e sobre o homem.

5. Como não fazer agora recair brevemente a vossa atenção sobre o amor da verdade a respeito do homem? As ciências humanas ocupam, já nisso insisti várias vezes, lugar cada vez mais vasto no nosso saber. São indispensáveis para se chegar a uma organização harmoniosa da vida em comum num mundo em que as trocas se tornam cada vez mais numerosas e mais complexas. Mas ao mesmo tempo, só num sentido bem particular, radicalmente diferente do sentido habitual, é que se pode falar de "ciências" do homem, exactamente porque há uma verdade sobre o homem que transcende qualquer tentativa de redução a um aspecto particular de algum tipo. Neste campo, um investigador verdadeiramente completo não pode abstrair, na elaboração do saber como nas suas aplicações, das realidades espirituais e morais que entram na essência da existência humana, como não se pode abstrair dos valores que deles derivam. Porque a verdade fundamental é que a vida do homem tem um sentido de que depende o valor da existência pessoal como justa concepção da vida em sociedade.

6. Estas rápidas considerações sobre o amor da verdade, que eu gostaria de poder expandir longamente dialogando convosco, já vos terão mostrado o que eu entendo ao falar do papel da universidade e dos vossos estudos para a formação da consciência. A universidade começa, sem dúvida, por ter um papel pedagógico na formação dos estudantes, a fim de estes serem capazes de chegar ao nível de saber requerido e capazes ainda de exercer mais tarde, de maneira eficaz, a sua profissão no mundo em que serão chamados a trabalhar. Mas além das diferentes noções que tem por função transmitir, a universidade também não pode desinteressar-se de outro dever: o de permitir e facilitar a inserção do saber num contexto mais vasto, fundamental, numa concepção plenamente humana da existência. Deste modo, o estudante reflexivo evitará

sucumbir à tentação das ideologias, enganadoras porque sempre simplificadoras, e chegará a ser capaz de investigar, a um grau superior, a verdade sobre si mesmo e sobre o seu papel na sociedade.

7. Caros amigos, professores e estudantes, gostaria de poder manifestar pessoalmente a cada um de vós e a cada um dos que vós representais – o meio estudantil completo, o meio da cultura e da ciência no Zaire e na África em geral – gostaria, afirmava, de poder manifestar todos os meus incitamentos a que aceite plenamente cada um as suas responsabilidades. São pesadas; exigem o melhor de cada um de vós mesmos, porque a universidade não tem por finalidade primeiramente a busca de títulos, de diplomas ou de lugares rendosos: tem papel importante na formação do homem e no serviço do país. Por isso comporta grandes exigências quanto ao trabalho requerido, quanto a cada pessoa e quanto à sociedade.

Se qualquer investigação universitária exige verdadeira liberdade sem a qual não pode existir, requer também, da parte dos universitários, total entrega ao trabalho, e ainda as qualidades de objectividade, de método e disciplina, numa palavra, a competência. Este aspecto, que vós conheceis bem, leva aos outros dois. Uma das características do trabalho universitário e do meio intelectual está em que, mais talvez que noutro campo, cada um se encontra constantemente chamado à sua própria responsabilidade na orientação que dá ao seu trabalho. Sobre este último ponto, tenho o prazer de vos repetir que é grande a vossa missão e o prazer de vos animar a desempenhá-la de todo o vosso coração. Vós não trabalhai só para vós, para a vossa promoção. Participais, por isso mesmo que sois universitários, numa investigação da verdade sobre o homem, numa investigação do que é o seu bem, com o empenho de cooperar na valorização da natureza por um verdadeiro serviço do homem, na promoção dos valores culturais e espirituais da humanidade. Concretamente, esta participação no bem da humanidade realiza-se através dos serviços que prestais e sereis chamados a prestar ao vosso país: à saúde física e moral dos vossos concidadãos, ao progresso económico e social da vossa nação. Porque a educação privilegiada que vos oferece a comunidade não vos é dada primeiramente para o vosso ganho pessoal. Amanhã será a comunidade inteira; com as suas necessidades materiais e espirituais, que terá o direito de se voltar para vós, que precisará de vós. Vós deveis ter sensibilidade aos chamamentos dos vossos concidadãos. Tarefa difícil mas entusiasmante, digna do sentimento que possuis tão forte, da vossa solidariedade: tereis de servir o homem africano no que ele tem de mais profundo e mais precioso: a sua humanidade.

8. As perspectivas que eu não passo de esboçar diante de vós, caros amigos, exigem, como realidade fundamental, que a ética, a moral e as realidades espirituais sejam vistas como elementos constitutivos do homem integral, entendido tanto na sua vida pessoal como na missão que deve desempenhar na sociedade, e portanto como elementos essenciais de toda a sociedade. Primado da verdade e primado do homem, bem longe de se oporem, unem-se e coordenam-se harmoniosamente, tratando-se de um espírito solícito de atingir e respeitar o real em toda a sua amplitude.

Daí resulta também que, do mesmo modo que há uma maneira errónea de conceber o progresso técnico considerando-o como tudo para o homem, fazendo-o servir primariamente à satisfação dos seus desejos mais superficiais, falsamente identificados com o bom êxito e o prazer, há também uma maneira errónea de conceber o progresso do nosso pensamento sobre a verdade do homem. Neste campo, bem o compreendeis, o progresso consegue-se por aprofundamento, por integração. Há erros que se corrigem, mas foram verdadeiramente erros; ao passo que não há verdade sobre o homem, sobre o sentido da sua vida pessoal e comunitária, que possa "ultrapassar-se" ou tomar-se erro. Isto é importante para vós que, numa sociedade em plena transformação, deveis trabalhar para o seu progresso humano e social, integrando a verdade que vos vem do passado com a que vos permitirá enfrentar perspectivas novas.

9. É realmente em função da verdade do homem que o materialismo, sob todas as suas formas, deve ser rejeitado, porque, é sempre fonte de escravização: seja escravização a uma investigação sem alma dos bens materiais, seja escravização, bem pior ainda, do homem — corpo e alma — a ideologias ateias, sempre, afinal, escravização do homem ao homem. Por isso, a Igreja católica quis reconhecer e proclamar solenemente o direito à liberdade religiosa na investigação leal dos valores espirituais e religiosos; por isso também pede ela que todos os homens encontrem, na fidelidade ao sentido religioso que Deus colocou nos seus corações, o caminho da verdade completa.

10. Queria acrescentar aqui uma palavrinha dirigida especialmente aos meus irmãos e irmãs em nosso Senhor Jesus Cristo. Acreditais na mensagem do Evangelho, quereis viver dela. Para nós, o Senhor Jesus é o nosso caminho, a nossa verdade e a nossa vida (cfr. *Jo* 14, 6). Já desenvolvi — especialmente na primeira encíclica, *Redemptor hominis*, que dirigi ao mundo no principio do meu ministério pontifício, e também na minha mensagem do 1º de Janeiro último sobre a "verdade, força da paz" — já desenvolvi, dizia, como, para nós cristãos, Cristo nosso Senhor, pela Sua encarnação, isto é, pela realidade da Sua humanidade que tomou para nos salvar, nos revelou a verdade mais total que existe sobre o homem, sobre nós mesmos e sobre a nossa existência. Ele é, em toda a verdade, o caminho do homem, o vosso. Por isso, a evangelização, que obedece a uma ordem do Senhor, encontra também o seu lugar na vossa colaboração para o futuro do vosso povo, porque é colaboração na fé com os projectos divinos sobre o mundo e sobre a humanidade, e afinal colaboração para a história da salvação.

11. No momento em que está a celebrar-se no Zaire o centenário do anúncio da Palavra de Deus, e no momento em que se forma um mundo africano novo ao serviço de uma humanidade mais rica para toda a África, vós sois chamados a participar plenamente nesta empresa, sendo ao mesmo tempo testemunhas de Cristo na vossa vida universitária e profissional. Dai prova da vossa competência, da vossa sabedoria africana, mas sede ao mesmo tempo homens e mulheres que prestem testemunho da vossa concepção cristã do mundo e do homem. Para aqueles que vos rodeiam e, mais extensamente, para o vosso país inteiro, seja toda a vossa vida anúncio da verdade sobre o homem renovado em Cristo, mensagem de salvação no Senhor ressuscitado.

Conto convosco, universitários católicos, caros filhos e caras filhas, conto com o vosso compromisso fiel, observado para serviço do vosso país, da Igreja e de toda a humanidade; e tudo isto vos agradeço.

12. Caros amigos, professores, universitários e universitárias: no princípio da sua existência, a vossa universidade tinha como divisa "Lumen requirunt lumine": à sua luz eles procuram a luz! Faço votos por que os vossos estudos, as vossas investigações e a vossa sabedoria sejam, para todos vós, caminho para a Luz suprema, o Deus de verdade, a quem eu peço vos abençoe.